

## Analisar uma pintura



Georges Braque, *Garrafa e Peixes*, 1910. Óleo sobre tela, 61 x 75 cm, Tate Modern, Londres.

### Regras de análise

- Identificar a pintura:
  - Título / Tema (religioso, mitológico, histórico, retrato, «cena de género», paisagem, natureza-morta);
  - Técnica (aguarela, guache, pastel, fresco, têmpera, óleo, acrílico...);
  - Suporte (papiro, pergaminho, papel, parede, madeira, tela...);
  - Dimensões;
  - Data/Local de produção;
  - Autor/Comanditário;
  - Local de exposição.
- Identificar o contexto histórico em que a pintura foi produzida.
- Discriminar os elementos representados e as suas inter-relações:
  - Conteúdo (personagens principais e secundárias – suas atitudes e trajos; paisagem; plantas; animais; edifícios; outros elementos);
  - Forma (planos; linhas estruturantes – horizontais, verticais, oblíquas, curvas; perspectiva; geometrização das figuras e do espaço; existência ou não de simetria e proporção; existência ou não de desenho prévio; domínio da linha/desenho ou da cor; cores dominantes – quentes ou frias; zonas de luz e sombra; pincelada fluida, espessa, contínua, entrecortada; estilo figurativo, abstrato...).
- Interpretar/Descodificar a pintura:
  - Sentido simbólico; relação entre a obra e o contexto histórico; intenções do autor e/ou comanditário;
  - Corrente artística.

## Questões

1. Identifique a obra apresentada.
2. Apresente, em traços gerais, o clima artístico que, à época, rodeava o pintor.
3. Descreva o quadro.
4. Explique a opção pictórica de Georges Braque.

## Comentário

1. Da autoria do pintor francês Georges Braque (1882-1963), este quadro representa uma «natureza-morta», executada a óleo sobre uma tela de médias dimensões (61 x 75 cm). Atualmente, integra a coleção da Tate Modern (Londres), um dos mais importantes museus de arte moderna da Europa.
2. Desde a segunda metade do século XIX que os pintores trabalhavam com uma independência crescente, reivindicando o direito de produzir aquilo que queriam, sem quaisquer constrangimentos. Esta atitude, que representou um ponto de viragem na história da arte ocidental, teve particular expressão em França, contribuindo para atrair a Paris um sem-número de artistas, desejosos de trocar experiências e explorar novas formas de expressão plástica.  
O século XX iniciou-se, pois, num clima de recetividade às propostas mais ousadas. A rejeição dos cânones académicos, olhados como um bloqueio ao processo criativo, tornou-se a bandeira comum às muitas correntes de vanguarda que, quase em simultâneo, transfiguraram a arte ocidental.  
Foi precisamente neste contexto, o da revolução estética, que, nas primeiras décadas do século, teve Paris como epicentro, que Georges Braque concebeu e executou a tela *Garrafa e Peixes*.
3. Perante a tela de Braque, o espectador desprevenido sentir-se-á, por certo, desconcertado. O título, muito concreto, remete para objetos correntes mas, num primeiro olhar, o quadro resulta numa amálgama desordenada de pequenas figuras geométricas.

Uma observação mais atenta revela o tampo desconjuntado de uma mesa sobre o qual se distinguem as cabeças dos peixes, cujos corpos desmembrados se espalham pelo quadro, sem critério aparente. No lado esquerdo, percebe-se a garrafa, de pé, também ela fraturada e angulosa. O conjunto espalha-se pela tela, de forma quase plana, sem que seja possível discernir, com clareza, onde termina a representação dos objetos e onde começa o seu enquadramento espacial, que não é possível identificar.

Todo o quadro mergulha numa paleta cromática reduzida, em que predomina o azul e em que zonas mais escuras alternam com zonas claras, criando efeitos de luz, sem que, no entanto, sejam seguidas as regras tradicionais do claro-escuro.

Por tudo isto, a obra afasta-se da representação tridimensional de tipo ilusionista, optando por uma visão inteiramente nova dos objetos representados.

**4.** Pelas suas características, a obra em análise integra-se claramente na fase analítica do cubismo.

A corrente artística a que chamamos cubismo nasceu cerca de 1908, pelo esforço conjunto de Georges Braque e do seu amigo, o pintor espanhol Pablo Picasso. Insatisfeitos com a pintura tradicional, que se limitava a criar na tela a ilusão da realidade, os dois pintores procuraram uma alternativa que lhes permitisse representar os objetos sem recorrer aos artifícios da perspetiva. Progressivamente, as suas experiências convergiram em dois princípios fundamentais: o de que a natureza bidimensional da pintura deveria ser claramente perceptível e o de que os objetos deveriam ser representados na íntegra, mostrando todas as partes que os constituem.

Neste propósito, reduziram as formas a figuras geométricas elementares, que projetaram na tela em planos justapostos. Os volumes foram, por assim dizer, abertos e espalmados, transformando-se numa superfície plana, bidimensional. Ao mesmo tempo, a representação dos vários ângulos do objeto (visto por cima, por baixo, pelos lados...) criava um complexo emaranhado de planos que diluía as formas, dificultando a sua identificação. Na verdade, para reconstituir os elementos do quadro, o observador é obrigado a um esforço mental semelhante (ainda que de sentido inverso) ao que o pintor realizou para a sua decomposição.

Centradas na forma, as obras do cubismo analítico menosprezam a cor, considerada supérflua e, até, capaz de perturbar a compreensão da obra. Por isso, a paleta reduz-se a um pequeno conjunto de tons escuros, pontuados por manchas de uma luminosidade intensa.

Original e profundamente revolucionário, o cubismo continuou, nos anos seguintes, a enriquecer o universo artístico, que dotou de novos materiais e novas formas de expressão. Foi, sem dúvida, a corrente que mais decisivamente contribuiu para o novo conceito de arte que marcaria o século XX.